

# INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA: A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA *KRIOL* (LÍNGUA GUINEENSE) NO PORTUGUÊS FALADO POR ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB

Betinha António da Silva Sá<sup>1</sup>

Kaline Araujo Mendes<sup>2</sup>

**RESUMO:** Interferência ou transferência linguística é quando uma língua utilizada por um falante desvia de sua norma padrão, apresentando elementos linguísticos de outra(s) língua(s). Isso pode ser percebido no português guineense, cujas interferências são originadas pelas diversas línguas maternas presentes no país. A vista disso, o presente estudo investigou a interferência da língua guineense no português falado por estudantes da referida nacionalidade na Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O referencial teórico deste trabalho embasou-se nos seguintes autores: Embaló (2008); Schütz (2006); Sousa (2002); Augel (2007); Couto e Embaló (2010); Embaló (2007); de Sousa, *et al.* (2012); Rocha, *et al.* (2018); Schütz (2018); Vilela (2009), dentre outros. Metodologicamente, caracteriza-se como de cunho bibliográfico e descritivo, com abordagem de dados qualitativa, baseando-se em entrevistas semiestruturadas de perguntas abertas e espaço para questões fora do planejado a partir da entrevista presencial. A partir da interpretação dos achados, foram constatadas as seguintes interferências linguísticas: a não concordância verbal e o emprego inadequado dos verbos; a não concordância nominal - não concordância de número e gênero, o emprego inadequado do advérbio de lugar e os termos da língua kriol. Por isso, conclui-se que a interferência linguística, no caso de estudantes guineenses, acontece porque, no processo de aprendizagem da língua portuguesa, tais sujeitos usam como base a língua guineense. Apontam-se, na literatura, dois tipos basais de interferências (a positiva e a negativa), mas a que mais se constatou, neste trabalho, foi a interferência que se considera negativa, mas nesse trabalho não foi considerada negativa, mas sim identidade linguística. Os resultados comprovam que a língua *kriol*, língua materna de parcela significativa da população e língua nacional na Guiné-Bissau, interfere no português falado por estudantes guineenses da UNILAB.

**Palavras-chave:** Interferência linguística, Português como língua adicional; Língua kriol.

---

<sup>1</sup> Estudante de curso de letras- Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Betinhada90@gmail.com

Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, orientadora da pesquisa. kalinemendes@unilab.edu.br.

## **ABSTRACT**

Interference or linguistic transfer is when a language used by a speaker deviates from his standard norm, presenting linguistic elements from another language (s). This can be seen in Guinean Portuguese, whose interferences are caused by several mother tongues present in the country. In view of this, the present study investigated the interference of the Guinean language in the Portuguese spoken by students of this nationality at the University of International Integration Of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). The theoretical framework of this work was based on the following authors: Embaló (2008); Schutz (2006); Sousa (2002); Augel (2007); Couto and Embaló (2010); Embaló (2007); de Sousa, et al. (2012); Rocha, et al. (2018); Schutz (2018); Vilela (2009), among others. Methodologically, is characterized as having a bibliographic and descriptive nature, with a qualitative data approach. Quantitative, based on semi-structured interviews with open questions and space for issues outside of the plan. From the interpretation of the findings, the following linguistic interferences were found: non-verbal agreement and inappropriate use of verbs; non-nominal agreement - non-agreement of number and gender, inappropriate use of the adverb of place and terms from the Kriol language. That's why, the conclusion is that interference in linguistics, in Guinean students' case, happens because, in the learning process of the Portuguese language, these subjects use the Guinean language as a base. It is pointed out, in the literature, two basic types of interference (positive and negative), but the one that is most found, in this work, was negative interference. The results prove that the Kriol language, mother tongue of a significant portion of the population and national language in Guinea-Bissau, interferes with the Portuguese spoken by Guinean students at UNILAB.

**Keywords:** Linguistic interference, Portuguese as an additional language, kriol language.

## INTRODUÇÃO

Na Guiné-Bissau, são faladas mais de vinte línguas étnicas, além dessas, há a língua nacional, o *Kriol*, que é falada pela maioria da população guineense. Aliás, essa é a língua da comunicação nacional. Já a língua portuguesa, oficial do país, é falada por cerca de 20,1% da população (Da Silva e Sampa, 2017, p.02). Assim sendo, na convivência direta dos estudantes guineenses com essas línguas (*kriol*, línguas étnicas e português), acredita-se que uma acaba interferindo na outra.

A interferência linguística é considerada o desvio da norma padrão de uma língua em detrimento da outra língua. O fenômeno acontece nos seguintes níveis linguísticos: sintático, morfossintático, fonético, semântico, dentre outros aspectos de estrutura da língua (Schütz 2006, apud Silva, 2018, p.7). A partir do cenário sociolinguístico e cultural da Guiné-Bissau, vem a pertinência de pesquisar a interferência linguística e a influência da língua *Kriol* no Português falado por estudantes guineenses da Unilab.

Assim, para compreender a interferência linguística nas falas desses estudantes, o presente trabalho teve como objetivo geral investigar a interferência da língua *kriol* no português falado por estudantes guineenses da Unilab. Para atingir esse objetivo, traçamos alguns caminhos/objetivos específicos: 1) analisar as práticas orais em Português realizadas por estudantes guineenses da UNILAB, a partir da realização de entrevistas; 2) pesquisar sobre o papel da língua *kriol* nas práticas orais de estudantes guineenses da Unilab nas entrevistas. Para atingir os objetivos traçados, partiu-se das seguintes questões: a) Em quais aspectos a língua *kriol* interfere nas práticas orais em português dos estudantes guineenses? b) De que maneira os estudantes guineenses da UNILAB realizam as práticas linguísticas orais em português? c) Que o papel que a língua *kriol* exerce nas práticas orais em português dos estudantes guineenses da Unilab?

A razão que nos levou a investigar sobre o fenômeno da interferência linguística tem relação com os nossos anos escolares, quando sofremos *bullying*, por conta da introdução, na sociedade guineense, do preconceito linguístico em relação à interferências do *Kriol* no Português falado por guineenses. Também presenciamos outras pessoas sofrendo da mesma

forma de preconceito. Na sociedade guineense, existe uma representação de que a variedade linguística falada em Portugal é a mais prestigiada e, quem foge de tal padrão, não sabe falar português.

Essa ideia preconceituosa gerou em muitas pessoas (em mim, inclusive) uma pressão de sempre tentar falar “bem” que nem os portugueses nativos de Portugal. Tal preconceito acaba limitando o exercício de fala de muitos alunos guineenses. Os que tinham sotaques diferentes, devido às suas línguas étnicas e maternas, eram obrigados a ficar calados, porque se falavam, os outros riam deles. Os alunos com essas limitações sempre recorriam ao (*kriol*), por ser a língua nacional e que lhes deixavam mais confortáveis para intervir e se comunicar com os demais (colegas e professores).

O nosso ingresso na Unilab nos deu outra visão sobre a língua portuguesa guineense. Conseguimos desconstruir a ideia de que falávamos errado, e passamos a entender que era apenas a influência da nossa língua materna e a reconhecemos como a identidade linguística. Depois que desconstruirmos o preconceito que dantes tínhamos com relação à interferência da nossa língua no português, começamos a ler sobre o assunto e descobrimos que, ao longo dos últimos anos, foi produzido um número significativo de trabalhos acerca de interferência linguística, principalmente das outras línguas nativas. Após uma leitura mais aprofundada sobre o assunto, percebemos que poucos autores guineenses como: Dju (2018) no seu trabalho titulado *transferência linguística no processo de aprendizagem de português por falantes do crioulo da Guiné-Bissau* e Silva (2018), em trabalho intitulado *Multilinguismo na Guiné-Bissau: a interferência do crioulo na língua portuguesa falada e escrita por guineenses* trataram dessa problemática, motivo pelo qual escolhemos discutir esse fenômeno para contribuir na desconstrução do preconceito linguístico presente no português falado na Guiné-Bissau e, de igual modo, ajudar na disseminação e valorização da variação linguística do nosso País, pois essa variação representa a nossa identidade e/ou cultura, as nossas ancestralidades e também simboliza a resistência e respeito de um povo.

Assim sendo, entendemos que esta pesquisa contribuirá de forma positiva para os futuros trabalhos que serão desenvolvidos na área da Linguística Aplicada, porque poderá servir de referência para pesquisadores que venham a tratar de temáticas semelhantes. Também os estudantes guineenses, aqueles que têm com a língua materna o *kriol*, poderão aprender a língua portuguesa como segunda língua sem preconceito e entender que não devem sentir vergonha

em falar o português do jeito que eles falam, mas, sim, compreender que é normal a interferência da língua materna no português que eles falam. E isso não é errado.

O presente trabalho divide-se nas seguintes seções: a primeira, na qual se contextualiza a temática da língua guineense (*Kriol*); a segunda, em que se trata da oficialidade do português na Guiné-Bissau; a terceira, em que se discute o fenômeno da interferência linguística. Na quarta seção, discute-se a interferência linguística no português falado por estudantes guineenses da Unilab, e, por fim, apresentam-se as considerações finais

## **1. O *KRIOL*<sup>2</sup> (LÍNGUA GUINEENSE) E OFICIALIDADE DO PORTUGUÊS NA GUINÉ-BISSAU**

A República da Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental da África, que faz fronteira ao Norte com Senegal, ao Leste e Sul com Guiné-Conacri e ao Oeste com o Oceano Atlântico. Dispõe de uma superfície total de 36.125 km<sup>2</sup>, na qual está distribuída uma população de 1.968.000. Administrativamente, o país está dividido em oito regiões (Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali) e um setor autônomo, a capital Bissau. O país conta com grande diversidade étnica, mais de vinte grupos étnicos espalhados por todo território nacional (Couto e Embaló, 2010, p.28).

Essa antiga colônia portuguesa proclamou sua independência no dia 24 de setembro de 1973, depois de uma luta árdua pela mesma, desencadeada pelo partido único no momento, Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-verde (PAIGC) liderado pelo pai da nacionalidade guineense, o engenheiro Agrônomo Amílcar Lopes Cabral. A independência só foi reconhecida em 1974 (Namone, 2014).

Tendo o português como a sua língua oficial, a Guiné-Bissau é um país multilíngue e intercultural. Segundo Couto e Embaló (2010), são faladas no território guineense cerca de 20 línguas étnicas, muitas são de famílias diferentes e outras são dialetos de uma mesma língua. Exemplos dessas línguas são: Balanta, Fula, Pepel, Mandinga, Biafada, Manjaco, entre outras. É pertinente ressaltar que essas línguas conseguem conviver umas com as outras numa interação harmoniosa, por isso a interferência de uma na outra é muito presente na fala dos seus falantes.

---

<sup>2</sup> Kriol é a denominação da língua guineense em guineense. Escolhi denominá-la assim porque é a forma com a qual me sinto mais identificada e representada.

Além dessas línguas, há o *Kriol*, que é a língua nacional falada pela maioria da população guineense.

Ainda sobre a situação sociolinguística do país, de acordo com os dados recentes de **Ethnologue: Languages of the World** (2021), há 19 línguas autóctones vivas, ou seja, existem 19 (dezanove) línguas nativas faladas no país e 7(sete) línguas alóctones vivas (Português, Francês, Inglês, Espanhol, Árabe, Olof e Mandarim), que são línguas trazidas para o país, entre essas sete línguas, uma delas é a língua portuguesa. Conforme os dados do Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau-INE (2009), estima-se que mais de 85% da população guineense falam a língua nacional (*Kriol*), e a língua oficial (Português) é falada pela minoria (15%), destes, na maior parte os letrados, ou seja, é a língua do trabalho e do ensino e, todos os documentos oficiais do país são elaborados em português. O país conta com 581.986 que corresponde a 49,7% da população alfabetizada.

Segundo Embaló (2008), “O *kriol* é um crioulo de base portuguesa, com uma gramática e léxico próprio”. Embaló (2008) também afirma que o *kriol* “surgiu do contato do português com as línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre os europeus e os africanos, mas também entre os próprios africanos”. Porém, é válido ressaltar que não existe um documento confiável acerca da formação do *kriol*. Ainda sobre o surgimento do *kriol*, Timbane e Manuel (2018), contrariam a compatriota acima citado afirmando que, “o *kriol* da Guiné-Bissau é apenas de base lexical portuguesa, mas a base do sistema é das diversas línguas africanas que participaram na formação daquela língua natural”.

De acordo com Angel (2006), o *Kriol* é considerado língua de unidade e identidade nacional, devido ao aumento dos falantes dessa língua na zona urbana. O autor enfatiza que o *Kriol* chegou a todos os cantos da Guiné-Bissau através da luta de libertação do país, pois era através dela que os combatentes da liberdade da pátria se comunicavam e passavam informações. Ou seja, pode-se dizer que o *Kriol* é a língua da resistência.

A língua *kriol* serve como língua de interação entre os diferentes grupos étnicos. Com ela, discutem-se assuntos no Parlamento, a maioria dos programas das diferentes rádios no país são passados nessa língua. Nessa lógica, percebe-se que o *kriol* exerce um papel fundamental na sociedade guineense, pois é uma língua da unidade nacional, o código de comunicação da maioria da população guineense e, é considerada língua que une e identifica todos os

guineenses, motivo pelo qual é inevitável sua interferência na aprendizagem de qualquer outra língua adicional, incluindo o português.

Já a língua portuguesa é a língua oficial da Guiné-Bissau. Na interpretação de Martins (2014, p.14), “língua oficial é a língua de um país, estado ou território usada nas diversas atividades oficiais: legislativas, executivas e judiciais”. No caso do português na Guiné-Bissau, mesmo com o *status* de oficial, é a língua menos falada pela população. Para a maioria dos falantes, o seu contato com a língua oficial se dá na escola, e mesmo na escola, às vezes, os professores e alunos usam *Kriol* para se comunicar. É importante destacar que o *kriol* continua a resistir no espaço escolar.

Nessa perspectiva, é comum perceber as interferências das outras línguas maternas no processo de aprendizagem do português guineense. Tal como Vilela (2009, p. 24) ressalta, a língua materna tem um papel importante no aprendizado da segunda língua, porque quando o falante aprende a sua língua materna, ele cria certos hábitos que acabam sendo transferidos para a língua em aprendizado. Assim sendo, o mesmo acontece com os guineenses no processo de aprendizado do português. É comum que um indivíduo guineense use como base a estrutura da língua guineense, para se apoiar e desenvolver habilidades linguísticas práticas noutra língua que está aprendendo.

## 2. A INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA

A interferência linguística, que é também chamada de transferência linguística, não é um assunto recente. As reflexões acerca da temática remontam o século XX, impulsionadas pela corrente behaviorista, que era considerada, na época, a escola dominante na Psicologia e se tornou um elemento importante para o ensino e aprendizagem da segunda língua. (González,1998 apud Dju, 2018, p.3-4)

Nessa perspectiva, Dju (2018) aborda que

O termo transferência teve sua origem psicológica no século XX, período em que os aprendizes usavam os saberes já obtidos como suporte para adquirirem novos saberes. O termo transferência refere-se a um processo psicológico em que o conhecimento que o aprendiz já tinha adquirido em outro momento é aplicado para aprendizado de novos conhecimentos (Dju, 2018, p.4)

Na mesma linha do pensamento, Vilela (2009, p.24) reforça que o termo interferência/transferência linguística “referia-se ao “processo psicológico pelo qual um conhecimento prévio [era] transferido e aplicado a uma nova situação de aprendizado”, ou seja, o ato de aprender é visto como um processo cumulativo baseado na formação dos hábitos. De acordo com Sousa e Tomé (2012), quando o aluno está aprendendo nova língua, ele tenta descobrir a complexidade da mesma para relacioná-la à sua língua materna. Ainda segundo as autoras, essa transferência padrão da língua materna que os alunos fazem na aprendizagem da língua estrangeira é a principal causa dos erros/interferências cometidos.

Schütz (2006, p.1 *apud* Silva 2018, p.7), afirma que interferência linguística é o desvio da norma padrão de uma língua em detrimento da outra língua, que acontece nos seguintes aspectos da língua: sintático, morfossintático, fonético, semântico, dentre outros aspectos de estrutura linguística. A interferência acontece de duas formas: a interferência positiva e a interferência negativa. A interferência positiva é quando o falante ou aprendiz tem a sua língua materna e, no processo de aprendizagem da língua 2, ele consegue, com ajuda da primeira língua, dominar a estrutura da segunda. Enquanto a interferência negativa é quando o aprendiz traz elementos da sua língua materna para a estrutura da segunda língua, e este elemento introduzido é distinto, ou seja, diferente da língua em aprendizado, ocorre o que chamamos de erro e isso pode resultar no preconceito. Mas esse erro não é necessariamente uma coisa ruim, pode ser a identidade linguística da pessoa (Odlin, 1989, *apud* Vilela, 2009).

Sendo assim, Dju (2018) interpretou essa abordagem afirmando que:

No tocante à semelhança e à diferença entre as línguas, surgem dois tipos de transferência: a transferência negativa e a transferência positiva. A transferência negativa acontece quando as regras da língua materna e da segunda língua divergem entre si, o que muitas das vezes conduz o aprendiz ao chamado erro na produção. Na transferência positiva, segundo alguns autores já citados anteriormente, a língua materna tem um papel fundamental no aprendizado da segunda língua, ajuda o aprendiz a adquirir outra língua com facilidade, isto é, quando essas línguas são semelhantes (Dju, 2018, p.05)

Segundo Sousa e Tomé (2012), as interferências acontecem quando o falante bilíngue, na sua comunicação, usa mais de uma língua. Ou seja, durante uma comunicação em língua quando o falante sente falta de uma palavra na segunda língua, ele recorre de forma inconsciente a sua língua materna para compensar o termo da língua 2. Essa prática é perceptível no processo de aprendizagem da língua portuguesa na Guiné-Bissau, na qual o estudante com o domínio total da sua língua materna (na maioria das vezes o *Kriol*), ao aprender o português como

segunda ou terceira língua, transfere os hábitos da sua língua materna para a língua em aprendizado.

Dju (2018) pesquisou sobre a *transferência linguística no processo de aprendizagem de português por falantes do crioulo da Guiné-Bissau* (estudantes guineenses graduandos do curso de letras- língua portuguesa da UNILAB). Este trabalho objetiva investigar sobre as dificuldades enfrentadas por esses estudantes, dando ênfase às transferências linguísticas no processo da aprendizagem do português. O resultado da investigação aponta que há transferência linguística no processo da aprendizagem de português por falantes do crioulo da Guiné-Bissau. Isso acontece porque os alunos na aprendizagem da segunda língua transferem os hábitos criados no processo de aquisição da língua materna para segunda língua. Ainda neste estudo, também se constatou que o crioulo interfere no processo da aprendizagem do português por estudantes guineenses. As interferências estão relacionadas aos campos da fonética, do léxico e a alguns fatores de ordem morfosintática, como, por exemplo: número e gênero. Dentre elas, a interferência predominante é a negativa.

Em 2018, Silva, em trabalho intitulado *Multilinguismo na Guiné-Bissau: a interferência do crioulo na língua portuguesa falada e escrita por guineenses*, analisa a interferência do crioulo no português de falantes guineenses, especialmente os estudantes guineenses da Unilab - Ceará. O resultado encontrado foi a forte interferência do crioulo tanto na fala quanto na escrita dos entrevistados (mais predominante foi na fala). As principais interferências se referem à concordância nominal, conjugação verbal e ao uso de advérbios e expressões recorrentes no crioulo guineense e que são diferentes na língua portuguesa.

No trabalho de Dju (2018), procedeu-se à análise e discussão dos dados com base nas respostas obtidas em entrevistas, sem comparar a estrutura das duas línguas (guineense e português). Na pesquisa de Silva (2018), fez-se a análise da escrita e da transcrição das falas dos entrevistados. Durante a análise dos dados, descreveram-se os pronomes e os verbos em *kriol*, comparando-os com o português. No presente estudo, realizamos a descrição dos verbos, advérbios de lugar, dos pronomes e de expressões da língua guineense presentes na fala dos entrevistados, comparando-os com a estrutura da língua portuguesa.

### **3. A INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS FALADO POR ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB**

Nesta seção, apresentamos o objeto de estudo da pesquisa, elencamos os objetivos, descrevemos a metodologia de coleta e tratamento de dados.

O presente trabalho investigou a interferência linguística nas falas dos estudantes guineenses da UNILAB, um povo multilíngue. Partindo desta realidade, o objeto de pesquisa deste estudo, foram os estudantes da Guiné-Bissau na UNILAB.

Com o objetivo de investigar as interferências da língua *Kriol* no português falado por estudantes guineenses da UNILAB-CE, analisamos as práticas orais em português realizadas por esses estudantes, a partir de um inquérito baseado na metodologia das entrevistas, usando um formulário de questões abertas semiestruturadas com possibilidade de uma conversa livre/aberta com questões fora do roteiro. Investigamos o papel da língua *kriol* nas práticas orais realizadas por estudantes guineenses da UNILAB com base nas conversas abertas baseadas num roteiro das questões, partindo das seguintes questões de pesquisa: De que maneira os estudantes guineenses na UNILAB realizam as práticas linguísticas orais em português? Em que medida a língua *kriol* falada por estudantes guineenses na UNILAB interfere em suas práticas orais em português? Qual é o papel que a língua *kriol* exerce nas práticas orais em português falado pelos estudantes guineenses da UNILAB?

No tocante ao delineamento, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e descritiva, explorando os trabalhos produzidos com a mesma temática. Quanto à abordagem, define-se como de cunho quali-quantitativa. A abordagem qualitativa serve para descrever um determinado problema que exige a necessidade de compreender e classificar os processos dinâmicos vividos em um certo grupo de pessoas a fim de contribuir no processo de mudança, com a possibilidade do entendimento das demais variadas particularidades dos indivíduos (Diehl, 2004), analisando as informações ou dados obtidos por meio das entrevistas e descrever os diferentes pontos de vista com intuito de compreender e/ou encontrar solução para o fenômeno estudado. Já as abordagens quanti-qualitativas são uma das abordagens que tratam de fenômenos reais, atribuindo sentido concreto aos seus dados (Souza, Kerbauy, 2017).

Para coleta de dados, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas, dando espaço para questões fora do planejado, com o objetivo de detectar as interferências da língua *kriol* no português falado por estudantes guineenses da UNILAB, guiado pelo roteiro de questionamento pré-estabelecido, permitindo organização e flexibilidade a depender das informações que estão sendo fornecidas pelo entrevistado, com intuito de deixar a conversa

mais natural e dinâmica (Fujisawa, 2000). Segundo Bicudo (2006), para realização de uma entrevista, é necessário um planejamento antecipado e manutenção do componente ético, começando pela escolha do universo, do local, do modo de conversar, até mesmo do momento para realização da entrevista e o ambiente, pois os entrevistados precisam se sentir à vontade e seguros para falarem, independentemente da temática em abordagem.

Desse modo, escolheu-se o método da entrevista com questões abertas, porque é uma forma que facilita a obtenção da informação mais detalhada e, permite ao pesquisador ter uma compreensão mais ampla acerca do assunto em questão. Em contraste, se for um questionário fechado, através do formulário *online* e não presencial, corre-se o risco de o participante dar respostas simples sem detalhes e/ou fechadas. Ao passo que, na entrevista é diferente, pois além de ser presencial, o entrevistador pode criar um ambiente onde o entrevistado se sentirá mais confortável para falar abertamente. Realizamos entrevistas orais com doze (12) estudantes guineenses do primeiro, segundo e terceiro semestres da UNILAB, com faixa etária de 18 a 35 anos. Optamos por estudantes do primeiro, segundo e terceiro semestre, por serem estudantes com pouco tempo na universidade. Acreditamos que, assim, seria mais fácil constatar as interferências do *kriol* nas suas falas em português, pois eles ainda não teriam tido muitos contatos com as outras variedades do português circulantes no contexto da universidade.

O procedimento para seleção dos potenciais participantes começou em contatos via telefônica e depois combinou-se um encontro presencial para informá-los sobre a pesquisa. Após aceitarem participar da pesquisa, criamos um grupo no aplicativo de mensagens e foi disponibilizado um questionário com questões abertas, para que os entrevistados pudessem ter a noção da temática em relação à qual seriam entrevistados. No grupo criado, fizemos uma abordagem a respeito da pesquisa e abrimos espaço para que os participantes manifestassem suas dúvidas. Depois, entregamos o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), para que lessem e assinassem, se estivessem de acordo. Após as assinaturas, deu início às entrevistas. O questionário foi composto das seguintes perguntas: De que maneira você teve conhecimento sobre a existência da Unilab? Como nasceu o seu desejo de estudar na Unilab? Como se deu a sua preparação para participar do processo seletivo da Unilab, o PSEI? E como você avalia esse processo? O que você já sabia a respeito do Brasil e da Unilab antes de chegar aqui? Descreva sua experiência de viver no Brasil e estudar na Unilab? Do que você sente mais saudade da Guiné-Bissau? e foram aplicados através das entrevistas presenciais, nos meses de fevereiro e março de 2024.

Para realizar as entrevistas, utilizamos o gravador de voz do celular para captar e armazenar os dados obtidos, os quais foram descritos e analisados mediante a utilização de ferramentas da *Microsoft* e da *Google*. Para a descrição dos dados, seguimos a ordem de como aconteceram as entrevistas, da primeira à última. E para organização dos dados usamos o método de categorização e transcrição do tipo livre.

#### **4. INTERFERÊNCIA DO *KRIOL* NO PORTUGUÊS GUINEENSE EM PERSPECTIVA**

Uma língua viva é capaz de sofrer variação e mudança, em seus níveis estruturais e sociais, isso acontece, porque a língua é heterogênea. A língua portuguesa como uma língua natural não pode distanciar-se destas características, ou seja, não pode fugir dessa dinâmica. (Brion, 2024).

O português é uma língua pluricêntrica. Segundo Baxter (1992), a língua portuguesa é caracterizada como pluricêntrica, visto que ela é a língua oficial em nove países (Brasil, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, na Região Administrativa Especial de Macau-RAEM, na Guiné Equatorial e Timor-Leste). É usada em quatro continentes (Europa, Ásia, África e América), essa expansão deu-se através da exploração e da imposição (Baldé, 2023).

Verifica-se que essa mesma língua sofre variação e mudanças, que acontecem por diferentes fatores que podem ser linguísticos ou extralinguísticos, como sexo, idade, localização geográfica, posição social, porque a língua representa a identidade e cultura de um povo, além disso língua é poder. A língua portuguesa constituiu, ao longo da história, diversos centros normativos, cada um deles com as suas próprias características.

No caso Bissau-guineense, Brion (2024) afirma que:

[...] pode-se dizer que a língua portuguesa falada na Guiné-Bissau é tão legítima quanto a que se fala em Portugal, Moçambique, Brasil e em qualquer centro no qual é tida como oficial ou co-oficial. Nessa altura, vale destacar que a diversidade linguística é o reflexo da diversidade social, o que pode abrir uma brecha para assimetria entre as línguas (Brion, 2024, p. 08).

Na interpretação do mesmo autor, a diversidade do português nos diversos países lusófonos torna a língua mais rica, porém destaca que a política linguística ou cooperação criada pelos países que compõem CPLP (Comunidade dos Países da Língua Portuguesa) não leva em consideração a assimetria entre as variedades da língua portuguesa, pois o poder das decisões e resoluções ficou nas mãos de dois países e os restantes dos países só participam para respeitar as decisões tomadas, em vez de serem os centros, isso acaba impedindo a difusão das suas variedades (Mendes, 2019 apud Brion, 2024, p.09).

Nesse sentido, é notório que existe variedade de português mais privilegiado do que os outros, exemplo disso, é o português de Portugal e o português brasileiro. As outras variedades acabam sendo muitas vezes “desprezadas” por causa de alguns fatores como: poder político/econômico desses países e também por causa dos seus sotaques diferentes. Sobre isso, Albuquerque (2022) ressaltar o seguinte:

[...] É possível perceber, a partir do cenário apontado anteriormente, que, além dos problemas existentes que promovem um pluricentrismo assimétrico, quase não há lugar para os demais países lusófonos tanto de uma perspectiva linguística e educacional, quanto política e econômica (Albuquerque, 2022, P.06).

A língua portuguesa é a oficial e única língua do ensino na Guiné-Bissau. A língua portuguesa assumiu esse papel após a independência do país. A escolha do idioma é uma questão política, pois através dela a Guiné-Bissau teve acesso à comunidade lusófona (como Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)). Também permitiu ao país fazer cooperações e parcerias com diversos povos.

No entanto, o ensino da língua portuguesa na Guiné-Bissau se faz de uma forma descontextualizada, pois a língua portuguesa é ensinada com o foco na escrita, não levam em conta a oralidade, isso acaba prejudicando a aprendizagem dos alunos. Além disso, a língua portuguesa é ensinada na Guiné-Bissau como língua materna, não como língua adicional, não levam em conta o contexto sociolinguístico do país. Nas escolas, a única variedade de língua portuguesa que deve ser seguida ou ensinada é a variedade do Portugal, quem foge desse padrão não sabe falar português. Esse ensino do português acaba criando preconceito na sociedade guineense. Não há uma gramática específica, que possamos dizer que é seguida por todos, mas são usadas diversas gramáticas de língua portuguesa europeias nas escolas, que servem como modelo a seguir, são elas que regem o chamado “falar correto”. Ao fugir disso, você não é bom falante de português.

Nesta seção, analisamos e discutimos os dados da presente pesquisa. Assim, como já foi tratado anteriormente, Guiné-bissau é um país multilíngue e intercultural, nesse território são faladas mais de vinte línguas étnicas, além dessas, tem a língua nacional, Kriol (língua guineense), que é falada pela maioria da população guineense, aliás é a língua da comunicação nacional. A língua portuguesa, por sua vez, tem estatuto de oficial do país, apesar de ser falada por uma parcela reduzida da população. Posto isto, na convivência direta dos estudantes guineenses com essas línguas (*kriol*, línguas étnicas e português), acreditamos que uma acaba interferindo na outra. A partir disso, vemos a pertinência de pesquisar a interferência linguística e a influência da língua *Kriol* no Português falado pelos estudantes guineenses da UNILAB.

A seguir, apresentamos, no quadro 1, o perfil dos participantes deste trabalho, de acordo com seus gêneros, línguas maternas e adicionais, semestres na Unilab.

**Quadro 1-** Perfil dos participantes da pesquisa

Participante e gênero		Língua materna	Semestre na UNILAB	Língua adicional (na condição de estrangeira)
Participante 1	Feminino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Segundo semestre	
Participante 2	Feminino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Primeiro semestre	Francês
Participante 3	Masculino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Primeiro semestre	Inglês
Participante 4	Feminino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Terceiro semestre	
Participante 5	Feminino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Primeiro semestre	
Participante 6	Feminino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Segundo semestre	
Participante 7	Feminino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Terceiro semestre	
Participante 8	Masculino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Segundo semestre	
Participante 9	Masculino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Segundo semestre	
Participante 10	Masculino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Primeiro semestre	Francês
Participante 11	Masculino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Terceiro semestre	Espanhol
Participante 12	Feminino	<i>Kriol</i> (língua guineense)	Terceiro semestre	

O quadro supra exposto representa os doze entrevistados participantes da pesquisa, de diferentes cursos e têm como língua materna o Kriol distribuídos em dois gêneros: sete participantes do gênero feminino e cinco do masculino, percebe-se também que o tempo de permanência desses estudantes na Unilab é de menos de dois (2) anos. E isso, em nosso entendimento, permitiu constatar as interferências em suas falas, pois ainda não tinha sido frequentemente exposto às outras variedades de LP, como as dos veteranos, por exemplo.

Constatou-se que todos os participantes apresentaram a interferência linguística em suas falas, como será apresentado a seguir.

O questionário para coleta de dados foi composto das seguintes questões:

- A língua *Kriol* interfere na sua fala quando você se comunica em Português? Se sim, em que circunstâncias? Comente.
- No seu ponto de vista, o que motiva essa interferência, uma vez que a Língua Portuguesa é oficial na Guiné-Bissau?
- Caso a língua *Kriol* interfira em sua fala em Português, comente se isso causa em você algum incômodo/desconforto. Justifique a sua resposta.
- Em que situação você mais percebe a interferência da língua *Kriol* no seu Português?
- Você já percebeu a interferência da língua *Kriol* no português falado pelos outros guineenses no contexto da Unilab? Se a sua resposta for sim, em quais situações essas interferências são mais frequentes?

Essa etapa não foi feliz para o presente estudo, principalmente na aplicação do questionário anteriormente apresentado, pois os entrevistados durante a entrevista presencial monitoram as falas e suas respostas foram curtas, sem muitos comentários. Assim, não foi possível captar insumo suficiente e produtivo para análise.

Percebemos que as perguntas poderiam não estar ao alcance dos participantes (por terem pouco conhecimento sobre o assunto, o que fazia as questões parecerem difíceis para eles). Então, sentimos a necessidade de mudar o rumo do levantamento. Ampliamos as perguntas da entrevista para que os participantes ficassem mais à vontade e se aproximassem da temática, porque se sabe que é mais fácil um indivíduo falar de algo de que tem conhecimento ou relacionado ao seu cotidiano do que de questões menos abrangentes no seu ciclo de vida. Por isso, elaboramos um novo questionário que foi aplicado a partir de uma entrevista presencial, com as seguintes questões:

- De que maneira você teve conhecimento sobre a existência da Unilab?
- Como nasceu o seu desejo de estudar na Unilab?
- Como se deu a sua preparação para participar do processo seletivo da Unilab, o PSEI? E como você avalia esse processo?

- O que você já sabia a respeito do Brasil e da Unilab antes de chegar aqui?
- Descreva sua experiência de viver no Brasil e estudar na Unilab?
- Do que você sente mais saudade da Guiné-Bissau?

A Partir das respostas obtidas mediante a aplicação das perguntas anteriores, conseguimos identificar a interferência da língua guineense (*kriol*) no português falado pelos participantes da pesquisa, tal como se pode observar no quadro a seguir.

#### Quadro 2- TRANSCRIÇÃO DAS FALAS DE TODOS OS PARTICIPANTES

Participantes	Transcrição das falas
Participante 1	(...) Quando eu consegui bolsa de unilab, eu já estava a estudar numa universidade, eu <b>costuma</b> sair às 13:45, mas não completava o tempo eu <b>saio</b> para ir à embaixada.
Participante 2	Antes de vir pra cá, eu ouvia <b>muitas</b> comentários sobre o Brasil, Brasil é <b>isto</b> , Brasil é aquilo...
Participante 3	(...)Eu tive <b>aqueles</b> informações sobre o Brasil, Brasil várias coisas e também há uma universidade (...)
Participante 4	Eu <b>teve</b> conhecimento da Unilab através do meu irmão, <b>ela</b> me contou tudo da unilab. (...) não tinha <b>nenhum</b> informações a respeito de com fazer redação, teve que ligar para <b>minha</b> irmão (...) eu <b>pergunto</b> como posso fazer redação e ele me explicou.(...) sobre o Brasil, eu acompanhava <b>nas</b> tv...
Participante 5	<b>Deu</b> muito difícil, porque eu estava estudar na CENFA, quando eu saio <b>lá</b> , (...) comecei a aproximar deles, para me explicar
Participante 6	Praticamente tudo a minha mãe <b>fiz</b> , eu sou levei e entreguei na comissão. (...) a experiência está sendo muito boa, <b>está</b> assimilar <b>a</b> matérias com os professores, <b>está</b> a integrar também, estou a sentir acolhida mesmo pela comunidade unilabiana....
Participante 7	(...)Eu não esperava sair cedo da minha mãe, sabe eu sou caçula da família, sou mimada. <b>Saiu</b> perto dela (...) as vezes tento disfarçar, mas as vezes <b>bateu</b> saudade daquelas coisas.
Participante 8	(..) eu <b>diz</b> não, o Brasil é o espaço de aumentar mais pobreza. <b>N' BOM</b> , sobre a prova ...Depois de ver o conteúdo, eu teve que estudar. (...) <b>aquela</b> o texto que se fez em redação, <b>o nosso</b> redação é tão diferente. (...) <b>esse</b> redação é diferente com <b>o nosso</b> redação... a gente se fez redação. (...) como não tenho quem vai me assinar o termo de responsabilidade <b>teve</b> que desistir. (...)você não vai <b>impetar</b> nada. (...) um pouco <b>da</b> três <b>semestre</b> , que eu vive,é que estudar no brasil ou na UNILAB, não é fácil.
Participante 9	(...) foi a minha prima que me inscreveu <b>na</b> curso de antropologia... foi gesto <b>dele</b> , <b>ele</b> chegou cá me fez inscrição, depois <b>ele</b> me ligou pra fazer teste. (..) foi <b>um bocado</b> complexo. Às vezes ela liga <b>perguntou</b> se eu estava a estudar... <b>ele</b> me encoraja. (..) é <b>um bocado</b> difícil para conseguir <b>várias</b> documentos. (...) o bilhete que eu estava andando <b>ku el</b> não estava... eu <b>está fora</b> durante quinze minutos. (...)desde início

	estudar não é <b>minha foco...</b> é <b>um bocado</b> difícil...não <b>passo</b> do que eu já falei...a minha irmã que está <b>lá</b> em português, estamos conversando, ela está me falou...
Participante 10	<b>N`BOM</b> , eu sinto saudade da minha família e da minha mãe. ligo todos <b>o</b> dias para falar com os meus pais... sabe a situação da Guiné, eu perguntava para meu pai, como vocês estão <b>lá...</b>
Participante 11	(...)Certos termos como show de bola e <b>ofereceu ponto</b> (...) fui acolhido de melhor forma na <b>mandjuandade</b> de unilab.
Participante 12	(...)Sinto saudade das minhas <b>mandjuas</b>

Uma vez que a língua guineense influencia na aprendizagem da língua portuguesa pelos participantes, foi possível verificar a interferência linguística presente na descrição das falas dos estudantes. A língua *kriol*, em sua estrutura, não apresenta certos elementos típicos da língua portuguesa, a saber: a língua guineense não apresenta flexões verbais, não tem artigo, os pronomes muitas das vezes não se flexionam em número e gênero e o mesmo acontece com os substantivos.

Na sequência, apresentamos e analisamos as ocorrências por categoria.

**Quadro 3** - Categoria morfosintática (NÃO CONCORDÂNCIA VERBAL E EMPREGO INADEQUADOS DOS VERBOS)

<b>Participantes</b>	<b>Falas</b>
<b>Participante 1</b>	(...)Quando eu consegui bolsa de unilab, eu já estava a estudar numa universidade, eu <b>costuma</b> sair às 13:45, mas não completava o tempo eu <b>saio</b> para ir a embaixada.
<b>Participante 5</b>	<b>Deu</b> muito difícil
<b>Participante 6</b>	Praticamente tudo a minha mãe <b>fiz</b> , eu sou levei e entreguei na comissão. (...) a experiência está sendo muito boa, <b>está</b> assimilar a matérias com os professores, <b>está</b> a integrar também, estou a sentir acolhida mesmo pela comunidade unilabiana....
<b>Participante 4</b>	Eu <b>teve</b> conhecimento da Unilab (...) eu <b>pergunto</b> como posso fazer redação
<b>Participante 7</b>	(...) Eu não esperava sair cedo da minha mãe, sabe eu sou caçula da família, sou mimada. <b>Saiu</b> perto dela (...) as vezes tento disfarçar, mas as vezes <b>bateu</b> saudade daquelas coisas
<b>Participante 8</b>	eu <b>diz</b> não,... <b>teve</b> que desistir
<b>Participante 9</b>	(...) Às vezes ela <b>liga perguntou</b> se eu estava a estudar... não <b>passo</b> do que eu já falei(...) ela <b>está</b> me falou ...

No terceiro quadro percebe-se a falta de concordância verbal e o emprego inadequado de certos verbos, que foi observado na fala de seis (7) participantes. Relacionamos essas ocorrência ao fato de, na língua guineense, os verbos não se flexionam, ou seja, a concordância

do verbo é determinada pelos pronomes. Isso significa que só mudam os pronomes, mas os verbos se mantêm ao longo da conjugação.

**Quadro 4 – CONJUGAÇÃO VERBAL NO KRIOL/PORTUGUÊS**

Língua guineense/ <i>kriol</i> (verbo kume)	Língua portuguesa (comer)
N' kume bianda	Eu comi comida
BU kume bianda	Tu comeste comida
I kume bianda	Ele/a comeu comida
NO kume bianda	Nós comemos comida
BO kume bianda	Vós comestes comida
E kume bianda	Eles/as comeram comida

Conforme se pode observar no exemplo acima, o verbo comer, ao longo da conjugação no *kriol*, não se flexionou, como acontece na língua portuguesa, o que muda são os pronomes. A partir disso, podemos dizer que os falantes que apresentaram essa interferência foram influenciados pela estrutura gramatical da língua *kriol* que é diferente, neste ponto, da língua portuguesa.

Na fala de dois participantes, constatamos o emprego inadequado do advérbio de lugar 'Lá'. De modo geral, é perceptível que este é um dos advérbios que mais causam confusão no seu uso, tanto para os guineenses quanto para outros falantes de português das outras nacionalidades.

**Quadro 5 - EMPREGO INADEQUADO DO ADVÉRBIO DE LUGAR**

Participante 5	<b>Deu</b> muito difícil, porque eu estava estudar na CENFA, quando eu saio <b>lá</b>
Participante 10	Ligo todos <b>o</b> dias para falar com os meus pais... sabe a situação da Guiné, eu perguntava como vocês estão <b>lá</b> ... A saudade é imensa

Na fala do participante 5, houve oscilação no emprego de **lá**, quando ele se tratava de um lugar muito próximo ao participante. No padrão da LP, era para ele usar o **alí**, que é empregado para tratar de distância maior. No segundo exemplo, o **lá** foi empregado numa conversa direta, o participante invés de usar o advérbio **aí**, usou o **lá**. Isso acontece porque, na língua guineense, só temos dois tipos de advérbio de lugar, como podemos constatar no quadro abaixo.

**Quadro 6** – LOCATIVO LÁ EM *KRIOL*

ADVÉRBIO DE LUGAR EM <i>KRIOL</i>	PORTUGUÊS
La	Lá, ali e aí
Li	Aqui e cá

O advérbio *lá* (*la*) em língua *kriol* é sinônimo de lá, aí e ali em língua portuguesa, enquanto que o *li* refere-se também a **aqui** e **cá**, motivo pelo qual, frequentemente, as pessoas (muitos guineenses) se confundem empregando o **lá** no lugar de **aí** ou **ali**, porque acham que são os mesmos advérbios.

Algo idêntico foi constatado no trabalho de Rocha e Robles (2017), onde os falantes espanhóis aprendizes do português como língua estrangeira, pegavam uma palavra que achavam próxima ou parecida com a da língua-alvo, e houve o uso incorreto de advérbio. O autor esclarece que:

Trata-se de uma interferência sintática da LM. Em espanhol, quase sempre se usa o adjetivo CERCANO que concorda em número e gênero com o substantivo relacionado. Por isso, o aluno criou confusão e aplicou a mesma regra tentando concordar o advérbio PERTO em gênero feminino e em plural, pois aquele advérbio está seguido do substantivo cidades. Em português, a locução prepositiva "perto de" não sofre flexão de gênero nem de número (Rocha e Robles, 2017, p. 662-663)

A falta de concordância nominal foi observada nas falas da maioria dos participantes (Quadro 6). Entendemos que isso aconteceu por causa da língua guineense. Assim como já foi discutido antes, a língua *kriol* não possui alguns elementos na sua estrutura gramatical. A gramática carece de artigo, os pronomes muitas vezes não concordam em número e gênero com os substantivos.

**Quadro 7-** AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

<b>Participantes</b>	<b>Falas</b>
Participante 2	Antes de vir pra cá, eu ouvia <b>muitas</b> comentários sobre o Brasil, Brasil é isto, Brasil é aquilo...
Participante 3	Eu tive <b>aqueles</b> informações
Participante 4	Eu teve conhecimento da Unilab através do meu irmão, <b>ela</b> me contou tudo da unilab. (...) não tinha <b>nenhum</b> informações a respeito de como fazer redação, teve que ligar para <b>minha</b> irmão (...) sobre o Brasil, eu acompanhava <b>nas</b> tv...
Participante 8	<b>Aquela</b> o texto que se fez em redação, <b>o nosso</b> redação é tão diferente. (...) <b>esse</b> redação é diferente com <b>o nosso</b> redação... <b>da</b> três <b>semestre</b> ....
Participante 9	<b>Na</b> curso de antropologia... foi gesto <b>dele</b> , <b>ele</b> chegou cá me fez inscrição, depois <b>ele</b> me ligou pra fazer teste. ... <b>ele</b> me encoraja.. conseguir <b>várias</b> documentos.
Participante 10	Ligo todos <b>o</b> dias para falar com os meus...

A falta de elementos acima mencionados na língua *kriol* acaba interferindo no português falado por guineenses, por exemplo, na língua *kriol*:

FRASES EM GUINEENSE		LÍNGUA PORTUGUESA
Singular	Nha mindjer	Minha esposa
Plural	Nha mindjeris	Minhas esposas
Singular	Nha fidjo femia	Minha filha
Plural	Bu kumpra seis pis	Tu comprastes seis peixes
	N'tene manga di fidju	Tenho muitos filhos

Verifica-se que na língua *kriol* são usadas normalmente para marcação de gêneros as palavras “**MATCHU E FEMIA**”, que servem para designar sexo masculino (*machu*) e sexo feminino (*femia*). Em *kriol* há poucos casos onde são feitas diferenciação de gênero, ou seja, isso acontece com poucos substantivos (Exemplo: rapaz/badjuda; omi/mindjer; netu/neta). Enquanto para marcação de números são usadas as seguintes palavras “**tudo, manga di, tchiu**”, essas palavras são geralmente advérbio de quantidade, adjetivos de quantidade e numeral. Também há outra forma de marcar o plural “**s e is**”, essa forma se usa quando se trata da realidade coletiva.

No segundo exemplo do quadro imediatamente anterior, “**Nha mindjeris**”, a frase se encontra no plural, e a marcação do plural acontece só no substantivo. A marcação não se deu no pronome e no substantivo. E para essa marcação é usado o **is**. Como dito antes, é uma das formas de marcação. No terceiro exemplo “**Nha fidju femia**”, nota-se que a marcação de gênero se deu através do substantivo *femia*, que dá ideia de “uma menina” a que o sujeito está se referindo. No quarto exemplo, “**bu kumpra seis pis**”, percebe-se que o plural é marcado pelo numeral. Nesse mesmo exemplo, pode-se verificar que não existe concordância entre o objeto e o substantivo. E, no último exemplo, “**N`tene manga di fidju**”, a marcação deu-se através do adjetivo de quantidade.

**Quadro 8 - O USO DOS TERMOS EM KRIOL (CATEGORIA LEXICAL)**

<b>Participantes</b>	<b>Falas</b>
<b>Participante 8</b>	<i>N`BOM</i> , sobre a prova ... <i>impetar</i> nada.
<b>Participante 9</b>	foi <i>um bocado</i> complexo. (...) o bilhete que eu estava andando <i>ku el</i> não estava... eu <i>sta fora</i> durante quinze minutos.
<b>Participante 10</b>	<i>N`BOM</i> ,
<b>Participante 11</b>	... Certos termos como show de bola e <b>pati puntu</b> (...) fui acolhido de melhor forma na <b>mandjuandade</b> de unilab.
<b>Participante 12</b>	(...)Sinto saudade das minhas <b>mandjuas</b>

Detectou-se, no caso de cinco participantes, a interferência do *Kriol* nas falas em português, a saber: *N`BOM*, uma palavra que dá ideia de conclusão, é usada como então e/ou, às vezes, também é utilizada como uma interjeição e/ou para iniciar a fala ao responder uma pergunta (uma espécie de marcador conversacional), como no caso em destaque; *Impetar*, que significa subornar; *um bocado*, que significa um pouco, embora essa expressão exista no português, ela jamais significa a mesma coisa, pois um bocado em português tem sentido de muito, bastante. *Ku el* é pronome pessoal de caso oblíquo que significa consigo/com ele(a). Eu *sta fora durante quinze minutos*, aqui deu para entender que o participante queria dizer que ficou fora durante *quinze minutos*, porque foi impedido de entrar na sala de aula. Usou o verbo **sta** (verbo no *kriol*) que é o verbo estar. **Pati puntu** é uma expressão usada quando uma pessoa comete erros desnecessários num ambiente social. **Mandjuandade** significa grupos de pessoas em uma sociedade. **Mandjuas** é um termo usado para se referir a colegas.

Nota-se o empréstimo lexical nas falas dos participantes, que pode acontecer de uma forma consciente ou inconsciente. Na fala dos estudantes 11 e 12, que são estudantes do terceiro semestre, é possível perceber que o empréstimo aconteceu de uma forma consciente, pois eles optaram por usar esse termo, porque esses estudantes já reconhecem e aceitam a interferência das nossas línguas maternas como nossa identidade linguística.

De acordo com Villalva, Silvestre (2017),

O empréstimo é um processo de inovação lexical, que pode representar um significado também novo, ou simplesmente constituir uma variante lexical, adequada a determinados registros. Os empréstimos lexicais são palavras trazidas para o léxico de uma língua de chegada a partir do léxico de uma língua de partida, tratando-se de um efeito frequente das situações de contato linguístico. (Villalva, Silvestre, 2017, p.27)

Durante as análises dos dados, percebeu-se que as interferências linguísticas encontradas nas falas dos participantes foram: a não concordância verbal e emprego inadequado dos verbos, a não concordância nominal - não concordância de número e gênero, o emprego inadequado do advérbio de lugar e os termos da língua kriol. O que mais se repetiu ao longo das falas foi a não concordância verbal e o emprego inadequado dos verbos. No total de doze participantes, apenas cinco não apresentaram essa ocorrência.

Atribuímos essas ocorrências à influência da língua guineense, que é a língua materna dos nossos participantes e é a língua nacional da Guiné-Bissau. Por isso, defendemos que esse repertório deve ser levado em consideração no processo de aprendizagem da língua portuguesa, pois os estudantes usam a interferência linguística para compensar a falta sentida da língua em aprendizado, apesar de essa estratégia que o aprendiz usa, para colmatar as lacunas encontradas na língua 2, acabar tendo um impacto negativo na língua em aprendizado e resultar no que chamamos de interferência negativa. Como afirma Fernández (1997), “a interferência é usada como estratégia comunicativa pelo iniciante, quando ele é forçado a se comunicar cedo no idioma-alvo e compensar suas deficiências "pegando emprestado" da língua materna”.

<sup>3</sup>**Tradução nossa**

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>3</sup> Outra vertiente de esta interferencia es el uso como estrategia comunicativa, que hace el principiante, cuando se ve obligado a comunicarse pronto en la lengua meta y suple sus deficiencias con “prestamos” de la lengua materna.

Depois da análise dos dados obtidos nas entrevistas, percebe-se a influência da língua *kriol* no português falado por estudantes guineenses da UNILAB. Essa língua interfere fortemente no português dos estudantes guineenses da Unilab, pois os estudantes a usam como base para aprendizagem da segunda língua. Como já vimos anteriormente, a língua materna tem um papel fundamental na aprendizagem da segunda língua.

As interferências linguísticas constatadas no processo de aprendizagem da língua portuguesa por parte dos estudantes guineenses aconteceram porque esses estudantes já tinham criados hábitos na sua língua materna (*kriol*/língua guineense) e, ao aprenderem uma nova língua, eles transferem esses hábitos para a língua em aprendizado. E a interferência linguística predominante observada neste trabalho é a interferência negativa, que é considerado o desvio da norma padrão, mas que é algo normal e compreensível de acontecer, pois esses estudantes têm as suas línguas maternas e aprendem o português como segunda língua. Isso aconteceu por causa da estrutura das duas línguas que são distintas.

É fundamental incentivar e investir nas pesquisas desta natureza, pois esses trabalhos ajudarão os estudantes guineenses que têm *kriol* como língua materna a aprender língua portuguesa como língua segunda, sem preconceito, e entenderem que não devem sentir vergonha em falar o português do jeito que eles falam, mas, sim, compreender que é normal a interferência da língua materna no português que eles falam, e isso não é errado

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Davi. O português como língua pluricêntrica e as atitudes linguísticas de falantes em Timor-Leste. **Caderno Seminal**, n. 42, 2022.
- AUGEL, Moema Parente. O crioulo guineense e a oratura. *Scripta*, v. 10, n. 19, p. 69-91, 2006.
- BALDÉ, Maimuna. Estatuto de oficialidade da língua portuguesa na Guiné-Bissau: suas implicações no ensino básico nacional. 2023.
- BAXTER, Alan. Portuguese as a pluricentric language. In: CLYNE, Michael (Ed.). *Pluricentric languages: Differing norms in different nations*. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 11-44, 1992
- BICUDO, F. A. entrevista-testemunho: quando o diálogo é possível. *Revista Caros Amigos*. Disponível em: < <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp>, 2006.
- BRION, Luis. Estudo sobre o preconceito linguístico a partir de uma análise sobre a desvalorização da variedade guineense de português. 2024.

CÁ, Imelson Ntchala; RUBIO, Cássio Florêncio. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 389-421, 2019

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país da CPLP. N. 20, Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. Thesaurus Editora. 2010.

DA SILVA, Ciro Lopes; SAMPA, Pascoal Jorge. A Língua Portuguesa na Guiné-Bissau: Influência do Crioulo e a Identidade Cultural no Português. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n. 31, p. 231-247, 2017.

DE SOUSA, Aline Batista; ELIANA, T. O. M. É.FALEIROS, Márcia Helena Venâncio. A Relação da Interferência da Língua Materna nos Aspectos Fonológicos, Semânticos e Morfo-Sintáticos da Língua Inglesa. **Revista Eletrônica de Letras**, v. 3, n. 1, 2012

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. Metodologia, método e técnicas de pesquisa. DIEHL, Astor A.; TATIM, Denise C. Pesquisa em ciências sociais aplicadas: Métodos e técnicas. São Paulo: Pearson, p. 47-88, 2004.

DJU, Bibiano Luís. Transferência linguística no processo de aprendizagem de português por falantes do crioulo da Guiné-Bissau. 2018.

EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. PAPIA, nº18, p.101-107, 2008.

FERNÁNDEZ, S. Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera. Madrid: Edelsa, 1997.

FUJISAWA, D. S. Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de criança: implicações na formação do fisioterapeuta. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

GUINÉ-BISSAU. Instituto Nacional de Estatística e Censo. 3º Recenseamento geral da população e habitação. Bissau: INEC, 2009.

MARTINS, Maria Filomena Bernardo. O ensino não formal na aprendizagem de português língua estrangeira em contexto de acolhimento: um estudo de caso. 2014, 163f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa: UL, 2014.

NAMONE, Dabana. A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional. 2014.

SILVA, Ciro Lopes da. Multilinguismo na Guiné-Bissau. 2018.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, v. 31, n. 61, p. 21-44, 2017.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. Editora Vozes Limitada, 2017.

VILELA, ACS. Transferência linguística e transferência de treinamento na interlíngua do falante de português-L1/Inglês-L2. 2009. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

<https://www.ethnologue.com/country/GW/>